

Aula 3 – Retorno da Vida Corpórea à Vida Espiritual

Objetivo:

- Compreender a desencarnação e como ocorre este processo a função do perísprito dentro deste processo de desligamento do corpo físico e apresentar as possíveis repercussões da cremação e do funeral;
- Analisar a desencarnação como um processo natural no qual apesar das variantes o amparo esta sempre presente.

Bibliografia:

C.I. - 2ª parte - Cap. I - O Passamento;

(*) Evolução em Dois Mundos – André Luiz – 1ª parte - Cap. 12 - Alma e Desencarnação;

(*) Obreiros da Vida Eterna – André Luiz – Cap. 11 - Amigos Novos;

(*) Depois da Morte – Leon Denis – 4ª parte – Cap. 30 - A Hora Final;

(*) Depois da Morte – Leon Denis – 4ª parte – Cap. 31 - O Julgamento

Aula Prática - Manifestação Mediúnica

I - O fenômeno da morte à luz da Doutrina Espírita

Buscando a informação doutrinária, temos no livro Temas da Vida e da Morte, de autoria de Manoel Philomeno de Miranda, em psicografia de Divaldo Pereira Franco, que, com muita clareza, nos elucidam as dúvidas que possamos ter a respeito.

a) O que acontece com o corpo?

O envoltório material que serve de instrumento de expressão do espírito, durante sua encarnação, é reprocessado pela Natureza: “o pó retorna ao pó”.

A transformação do ponto de vista material. Em O Livro dos Espíritos, na pergunta 155:

“Como se opera a separação da alma e do corpo?”

R.: “Sendo rompidos os elos que a retinham, ela se desprende.”

E, em Manoel Philomeno de Miranda:

“Etimologicamente, morte significa ‘cessação completa da vida do homem, do animal, do vegetal’”. “Genericamente, porém, morte é transformação”(…)

“A morte é o fenômeno biológico, término natural da etapa física, que dá início a novo estado de transformação molecular.”

“A morte é ocorrência inevitável, em relação ao corpo, que, em face dos acontecimentos de vária ordem, tem interrompidos os veículos de preservação e de sustentação do equilíbrio celular, normalmente em consequência da ruptura do fluxo vital que se origina no ser espiritual, anterior, portanto, à forma física.”

“Biologicamente, começa-se a morrer desde quando se começa a viver, pois que as transformações celulares se dão incessantemente.”

b) O processo de desligamento do corpo do espírito; a imantação do espírito ao corpo.

“A desencarnação é o fenômeno de libertação do corpo somático por parte do Espírito, que, por sua vez, se desimanta dos condicionamentos e atavismos materiais, facultando a si mesmo liberdade de ação e de consciência (…)”

“A desencarnação real ocorre depois do processo da morte orgânica, diferindo em tempo e circunstância, de indivíduo para indivíduo (…)”

“A desencarnação pode ser rápida, logo após a morte, ou se alonga em estado de perturbação, conforme as disposições psíquicas e emocionais do ser espiritual (…)”

“Tendo-se em vista que o homem procede do mundo espiritual. A morte é o veículo que o reconduz à origem, onde cada qual ressurgue com as características definidoras das suas conquistas.”

“Morrer é, portanto, muito fácil, isto é, interromper o ciclo orgânico, o que, entretanto, não significa deixar de viver, desde que, indestrutível, a vida ressurgue sob outro aspecto, sem que haja cessação do seu curso, ou outra qualquer forma de aniquilamento...”

“Encerrando a vida biológica apenas, a morte, na condição de hábil cirurgiã, interrompe somente os laços que prendem o Espírito ao corpo físico, dependendo daquele a liberação emocional deste último.”

c) A transformação do ponto de vista espiritual.

O estado de perturbação. Em O Livro dos Espíritos, na questão 163, temos:

“A alma, ao deixar o corpo, tem imediatamente consciência de si mesma?”

R.: “Consciência imediata não é bem o termo; ela fica durante algum tempo em perturbação.”

E ainda, na questão 159:

“Que sensação experimenta a alma, no momento em que se reconhece no mundo dos espíritos?”

R.: “Isso depende; se fizeste o mal com o desejo de praticá-lo, no primeiro momento, tu te sentirás envergonhado de tê-lo feito. Para o justo, é bem diferente: ela fica como que aliviada de um grande peso, pois não teme nenhum olhar perscrutador.”

Complementando com a questão 165:

“O conhecimento do Espiritismo exerce uma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?”

R.: “Uma influência muito grande, visto que o Espírito compreendia, antecipadamente, a sua situação; porém, a prática do bem e a consciência pura são o que tem maior influência.”

E em Manoel Philomeno de Miranda:

“Como efeito da conduta moral e das aspirações a que se vincula o Espírito, o seu estado de perturbação após a morte do corpo perdura por breve ou largo tempo, fenômeno natural quanto lógico.”

“Quase todos os desencarnados experimentam a turbação que sucede ao desprendimento da matéria. A intensidade e o prazo variam conforme as condições de cada um.”

“As pessoas que viveram para o prazer, usufruindo sensações e gozos desenfreados, recusam-se a compreender a ocorrência libertadora, já que prosseguem fixados aos sentidos e apetites a que se vincularam, sofrendo inenarráveis angústias por não serem atendidos nos hábitos antigos, mesmo que se esforcem até quase à exaustão.”

“Outros indivíduos, que eliminaram da mente qualquer possibilidade de sobrevivência ao cadáver, hibernam-se experimentando inconcebíveis pesadelos que decorrem dos fenômenos biológicos em contínua transformação e que neles se impõem por tempo indeterminado.”

“Os que foram arrebatados por morte violenta, por imprevidência, precipitação ou desleixo, em atos suicidas, continuam imantados aos despojos putrescíveis por muito tempo.”

“Todo e qualquer hábito longamente cultivado impregna o indivíduo, que se lhe submete, mesmo quando dele deseja libertar-se.”

d) O estado de lucidez – reconhecimento da condição de espírito imortal.

“O conhecimento da vida espiritual e as ações edificantes, trabalhando o metal do caráter humano, são o passaporte e a passagem que facultam a viagem feliz, com uma chegada ditosa, sem embaraço ou impedimento na travessia da aduana da morte.”

“Morrer é desnudar-se diante da vida, é verdadeira bênção que traz o Espírito de volta ao convívio da família de onde partiu...”

“O homem deve sempre reservar alguns momentos diários para meditar a respeito da viagem de volta e, conscientemente, reunir a valiosa bagagem que irá conduzir, única de que se poderá utilizar ao transpor a fronteira do mundo físico.” **(Temas da Vida e da Morte,**

e) Conclusão

Aprender a viver bem para morrer bem. "A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que fazemos da Justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior, a única que pode nos explicar o futuro e embasar nossas esperanças, visto que nos oferece o meio de reparar os nossos erros, através de novas provas. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam." (O Livro dos Espíritos, questão 171 – comentário de Kardec).

f) Por que os espíritas não temem a morte.

Inicialmente, há de se destacar que Kardec não fez uma pergunta, mas, sim, uma afirmação. Ele afirmou que os espíritas não temem a morte, pois a Doutrina Espírita transforma completamente a perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser uma realidade, através da observação. Deixa de ser uma esperança e passa a ser uma certeza.

"O que lhes serve de apoio não é somente a esperança, é a certeza: eles sabem que a vida futura não é mais que a continuação da vida presente em melhores condições, e a esperam com a mesma confiança com que esperam o nascer do Sol após uma noite de tempestade." (O Céu e o Inferno, 1a Parte, cap. II, item 9).

II -Perispírito e desencarnação

Muito comum, mesmo entre os espíritas, que se faça confusão entre os termos **morte e desencarne**, porém os termos possuem sentidos diferentes e a compreensão deles nos ajudará a esclarecer um assunto muito importante:

- O que acontece com o Espírito no momento da morte do corpo?
- Ela é dolorosa?
- É igual para todos?

Para ajudar a esclarecer esse assunto tão fascinante é preciso, antes de tudo, conhecermos o significado dos termos morte e desencarne para o Espiritismo.

- A **morte** é o fim da vida do corpo físico, ocorre quando o corpo, natural ou forçadamente, não tem mais condições de se manter vivo.
- O **desencarne** é o processo de desligamento do Espírito, e seu corpo espiritual ou perispírito, do corpo físico.

Ao reencarnar o Espírito se une ao corpo físico através de seu perispírito molécula a molécula, no desencarne esse processo é invertido e o Espírito se desligará do corpo também molécula a molécula.

A esse respeito Kardec escreveu que: "*o fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo*" (O céu e o inferno. 2ª parte, cap. 1, item 4).

É importante ressaltar o fato de que morte e desencarne acontecem, normalmente, em momentos distintos.

Kardec generaliza os diferentes "tipos" de desencarne quanto ao momento em que se dão e conseqüentemente quanto à facilidade ou dificuldade do processo. Os exemplos devem ser entendidos como casos extremos e, portanto, existem muitas variações entre um tipo e outro. Essa generalização foi feita em quatro grandes grupos que são:

- *Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma nada sentiria absolutamente.*
- *Se nesse momento a coesão dos dois elementos (os dois corpos espiritual e carnal) estiver no auge de sua força, produz-se uma espécie de ruptura que reage dolorosamente sobre a alma.*
- *Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo.*

Se após a cessação completa da vida orgânica existirem ainda numerosos pontos de contacto entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo, até que o laço inteiramente se desfaça” (O céu e o inferno. 2ª parte, cap. 1, item 5).

Após esses oportunos esclarecimentos sobre os diferentes processos de desencarne, Kardec finaliza dizendo que: *“daí resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força, e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa; e, finalmente, que, se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável” (O céu e o inferno. 2ª parte, cap. 1, item 5).*

Mas então o que gera essa força “adesiva” que torna o corpo espiritual mais ligado ao corpo carnal e, por conseqüência, mais difícil e penoso o seu desligamento para o Espírito?

Kardec mais uma vez vem nos esclarecer quando responde que: *“o estado moral da alma é a causa principal que influi sobre a maior ou menor facilidade do desligamento. A afinidade entre o corpo e o perispírito está em razão do apego do Espírito à matéria; está em seu máximo no homem cujas preocupações todas se concentram na vida e nos gozos materiais; ela é quase nula naquele cuja alma depurada está identificada por antecipação com a vida espiritual. Uma vez que a lentidão e a dificuldade da separação estão em razão do grau de depuração e de desmaterialização da alma, depende de cada um tornar essa passagem mais ou menos fácil ou penosa, agradável ou dolorosa” (O céu e o inferno. 2ª parte, cap.1, item 8).*

Fica agora fácil entender que os fenômenos da morte e do desligamento do Espírito em relação ao corpo (desencarne) ocorrem, de modo geral, em momentos distintos podendo ser essa diferença de tempo em horas, dias, meses e mesmo anos.

Depende de cada um tornar esse momento mais fácil e agradável ou mais penoso e doloroso. A vida plenamente material onde se busca tudo que a matéria oferece como gozos e posses é aquela que dará mais dificuldade ao Espírito na hora do desencarne. Aquele que vive conforme a moral do Evangelho, dando importância relativa às coisas materiais, reconhecendo seu valor, mas não vivendo em função disso e principalmente reconhecendo e aceitando os Desígnios Divinos acima de qualquer revolta, esse sim terá uma passagem tranquila e fácil quando chegar sua hora.

Existe outro fenômeno que possui relação direta com a moral do indivíduo e que começa a acontecer imediatamente após a morte do corpo, é o fenômeno da perturbação espiritual.

Como nos esclarece Kardec a esse respeito: *“[...] nesse momento a alma sente um entorpecimento que paralisa, momentaneamente, as suas faculdades e neutraliza, pelo menos em parte, as sensações; está, por assim dizer, cataleptizada, de sorte que quase nunca testemunha consciente o último suspiro. [...] A perturbação pode, pois, ser considerada como estado normal no instante da morte; a sua duração é indeterminada; varia de algumas horas a alguns anos. À medida que ela se dissipa, a alma está na situação do homem que sai de um sono profundo; as idéias estão confusas, vagas e incertas; vê-se como através de um nevoeiro; pouco a pouco a visão se ilumina, a memória retorna e ela se reconhece. Mas esse despertar é bem diferente, segundo os indivíduos; nuns é calmo e proporciona uma sensação deliciosa; noutros, é cheio de terror e ansiedade, e produz o efeito de um horrível pesadelo” (O céu e o inferno. 2ª parte, cap. 1, item 6).*

Uma citação de Kardec onde ele fecha o assunto com muita clareza e objetividade:

"O último alento quase nunca é doloroso, uma vez que ordinariamente ocorre em momento de inconsciência, mas a alma sofre antes dele a desagregação da matéria, nos estertores da agonia, e, depois, as angústias da perturbação. Demo-nos pressa em afirmar que esse estado não é geral, porquanto a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços da alma para desprender-se. Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, como que naturalmente; é como se um fruto maduro se desprendesse do seu caule, e é o caso das mortes calmas, de pacífico despertar" (O céu e o inferno. 2ª parte, cap. 1, item 7).

III. SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO

O desprendimento do perispírito em relação ao corpo:

a - opera-se gradativamente, pois os laços fluídicos que o ligam ao corpo não se quebram, mas se desatam;

b - processa-se dos pés para a cabeça, sendo o cérebro o último ponto a se desligar.

No instante da agonia, quando esse desligamento está se processando, o desencarnante costuma ter uma visão panorâmica, rápida e resumida, mas viva e fiel, dos pontos principais da existência terrena que está findando.

Logo após a desencarnação, o Espírito entra em um estado de perturbação espiritual. Como estava acostumado às impressões dos órgãos dos sentidos físicos, fica confuso, como quem desperta de um longo sono e ainda não se habituou, de novo, ao ambiente onde se encontra.

A lucidez das ideias e a lembrança do passado voltarão, à medida que se desfizer a influência da matéria.

Zalmino Zimmermann no livro Perispírito, no Capítulo: Perispírito e desencarnação nos diz:

Descrição de ANDRÉ LUIZ, por Francisco Cândido XAVIER, em "Obreiros da Vida Eterna" (22. ed., Rio de Janeiro:FEB, 1996, pp. 209 a 212: Cap. XIII), sugere a possibilidade de se identificar, em um processo normal de desencarnação assistida, diversas etapas liberatórias do Espírito. Assim, no início do processo de desencarnação, os operadores espirituais, através de complexo serviço de magnetização, insensibilizando o vago "para facilitar o desligamento das vísceras", isolam o sistema nervoso simpático, neutralizando, mais tarde, "as fibras inibidoras do cérebro". Em seguida, a operação magnética, dirigindo-se ao plexo solar (centro gástrico), desata laços "que localizavam forças físicas", provocando o extravasamento, pelo umbigo, de "certa porção de substância leitosa", que fica pairando em torno, enquanto começam a surgir sintomas de esfriamento dos membros inferiores.

Ação magnética, através de passes concentrados sobre o centro emocional (*centro cardíaco*), relaxa, em continuação, os elos que mantêm "a coesão celular" nesse centro, com imediata repercussão no coração, que passa a funcionar desreguladamente, ao mesmo tempo em que nova "cota de substância desprende-se do corpo, do epigastro à garganta". Foge, então, o pulso, cessa a capacidade de raciocinar e sobrevém o coma. Nessa oportunidade, o perispírito entra em processo de desligamento. Inversamente do que acontece na encarnação, diluise, agora, a sustentação psicossômica das estruturas citoplasmáticas, através dos bióforos, renunciando a histólise do invólucro físico.

Na região cerebral (*centros coronário e cerebral*), provoca o surgimento de "brilhante chama violeta-dourada", emitindo luz quase impossível de ser fitada, a qual, desligando-se da região craniana, absorve "instantaneamente a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada", transformando-se na cabeça espiritual do desencarnante; ato contínuo, passa a constituir-se o corpo espiritual, "membro a membro, traço a traço", com a luz violeta-dourada no cérebro desaparecendo e "espraiando-se em seguida, através de todos os escaninhos do organismo perispíritico, assegurando, desse modo, a coesão dos diferentes átomos, nas novas dimensões vibratórias."

Recompondo o perispírito, o desencarnante, já pairando próximo ao corpo em ritmo de rápida cadaverização, permanece a ele ligado por algum tempo mais (em média, vinte e quatro horas), através de "leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro de matéria rarefeita do organismo liberto." Para muitos Espíritos, esse tempo em que permanece ligado ao corpo físico representa oportunidade de revitalização energética, após o esforço do desprendimento desencarnatório, uma vez que continuam a ser drenadas energias do veículo físico para o perispírito do desencarnante.

Trata-se, ao que parece (escassas, em verdade, são as notícias a respeito), de forças vitais necessárias, ainda, ao Espírito, em seu retorno à dimensão espiritual, transferidas do corpo etérico antes do seu desprendimento do veículo físico, marcando o início da decomposição orgânica. A quantidade de energia que o desencarnante absorveria dependeria, obviamente, do seu adiantamento, ou seja, de seus condicionamentos, das suas necessidades *materiais*, ainda, e das suas condições de adaptação à nova vida. Nessas fases, em que o perispírito entra em processo de separação e de reconsolidação - "*histogenèse espiritual*", segundo ANDRÉ LUIZ -, ocorre, também, o singular fenômeno conhecido como "visão panorâmica" de todo o passado, em que o Espírito passa a recordar todas as experiências de sua vida, em vertiginosa sucessão de imagens.

A importância dessa ocorrência, nos casos de morte efetiva, é dada pelas indicações de que essa recapitulação de todos os lances vividos - "como numa tela cinematográfica" - projetar-se-ia, nas linhas de reconstituição do perispírito, de modo que, em última análise, a tessitura do corpo espiritual se plasmaria segundo o estado mental-evolutivo do desencarnante, ou seja, de acordo com o que é, vive, pensa e sente.

Valiosas, a esse respeito, as observações de ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER ("**Evolução em Dois Mundos**". 13. ed., FEB, 1993, cit., p. 93: Cap. XII):

*"Assim como recapitula, nos primeiros dias da existência intra-uterina, no processo reencarnatório, todos os lances de sua evolução filogenética, a consciência examina em retrospecto de minutos ou de longas horas, ao integrar-se definitivamente em seu corpo sutil, pela **histogênese espiritual**, durante o coma ou a cadaverização do veículo físico, todos os acontecimentos da própria vida, nos prodígios de memória, a que se referem os desencarnados quando descrevem para os homens a grande passagem para o sepulcro.*

É que a mente, no limiar da recomposição de seu próprio veículo, seja no renascimento biológico ou na desencarnação, revisa automaticamente e de modo rápido todas as experiências por ela própria vividas, imprimindo magneticamente às células, que se desdobrarão em unidades físicas e psicossomáticas, no corpo físico e no corpo espiritual, as diretrizes a que estarão sujeitas, dentro do novo ciclo de evolução em que ingressam."

Na etapa derradeira do percurso liberatório - segundo, ainda, o depoimento de ANDRÉ LUIZ (obra precitada) -, o "cordão prateado" é desligado do corpo e absorvido pelo Espírito, que, então, é afastado. Muitas vezes, dependendo de suas condições, esse desligamento só ocorre após o sepultamento dos restos físicos. Tudo indica que é a partir desse momento, em que é cortado o contato entre o desencarnante e o duplo etérico, que este, acumulando as forças vitais remanescentes, desprende-se dos envoltórios densos, sobrepairando sobre o cadáver durante algum tempo, até dissolver-se.

Completada a desencarnação, com o perispírito plenamente reconstituído, ingressa o Espírito em outra faixa vibratória, variando o grau de consciência e equilíbrio de acordo com suas aquisições. É o momento do reencontro consigo mesmo. Na verdade, como explica EMMANUEL:

"morrer significa penetrar mais profundamente no mundo de nós mesmos, consumindo longo tempo em despir a túnica de nossos reflexos menos felizes, metamorfoseados em região alucinatória decorrente do nosso monoideísmo na sombra, ou transferindo-nos simplesmente de plano, melhorando o clima de nossos reflexos ajustados ao bem, avançando em degraus

conseqüentes para novos horizontes de ascensão e de luz. "(XAVIER, Francisco Cândido. **EMMANUEL, Espírito. "Pensamento e Vida"**. 9. ed., FEB, 1991, cit., pp. 134 e 135).

IV. A AJUDA ESPIRITUAL

A bondade divina, que sempre prevê e provê o que precisamos, também não nos falta na desencarnação.

Por toda a parte, há bons Espíritos que, cumprindo os desígnios divinos, se dedicam à tarefa de auxiliar na desencarnação os que estão retornando à vida espírita.

Alguns amigos e familiares (desencarnados antes) costumam vir receber e ajudar o desencarnante na sua passagem para o outro lado da vida, o que lhe dá muita confiança, calma e, também, alegria pelo reencontro.

Todos receberão essa ajuda, normalmente, se não apresentarem problemas pessoais e comprometimento com Espíritos inferiores. Em caso contrário, o desencarnante às vezes não percebe nem assimila a ajuda ou é privado dessa assistência, ficando à mercê de Espíritos adversários e inferiores, até que os limites da lei divina imponham um basta à ação destes e o Espírito rogue e possa receber e perceber a ajuda espiritual.

V. DEPOIS DA MORTE

Após desligar-se do corpo material, o Espírito conserva sua individualidade, continua sendo ele mesmo com seus defeitos e virtudes.

Sua situação, feliz ou não, na vida espírita, será consequência da sua existência terrena e de suas obras. Os bons sentem-se felizes e no convívio de amigos; os maus sofrem a consequência de seus atos; os medianos experimentam as situações de seu pouco preparo espiritual.

Através do perispírito, conserva a aparência da última encarnação, já que assim se mentaliza. Mais tarde, se o puder, e desejar, a modificará.

Depois da fase de transição poderá estudar, trabalhar e preparar-se para nova existência, a fim de continuar evoluindo.

Que significado ou valor espiritual pode ter a vida de alguém que desencarnou ainda bebê?

Essa curta vida teve também sua finalidade e proveito, do ponto de vista espiritual. Pode ter sido, por exemplo:

- uma complementação de encarnação anterior não aproveitada integralmente;
- uma tentativa de encarnação que encontrou obstáculos no organismo materno, nas condições ambientes ou no desajuste perispíritual do próprio reencarnante; serviu, então, para alertar quanto às dificuldades e ensejar melhor preparo em nova tentativa de encarnação;
- uma prova para os pais (a fim de darem maior valor à função geradora, testemunharem humildade e resignação), ou para o reencarnante (a fim de valorizar a reencarnação como bênção).

Qual é, no Além, a situação espiritual de quem desencarnou criança?

É a mesma que merecia com a existência anterior ou que já tinha na vida espiritual, porque na curta vida como criança, nada pôde fazer de bom ou de mal que modificasse sua situação evolutiva, que representasse um desenvolvimento, um progresso.

Mas pode estar melhor na sua conscientização e no seu equilíbrio espiritual, e, também, ter

reajustado, no processo de ligamento e desligamento com o corpo, algum problema espiritual de que fosse portador (anomalias, desajustes no perispírito).

Como são vistos os Espíritos que desencarnaram criança?

Uns se apresentam "crescidos" perispiritualmente e até já em forma adulta, pois como Espíritos não têm a idade do corpo.

Se desejam se fazer reconhecidos pelas pessoas com quem conviveram, podem se apresentar com a forma infantil que tiveram.

Se vão ter de brevemente reencarnar, poderão conservar a forma infantil no seu perispírito, que facilitará o processo de nova ligação à matéria. Existem no mundo espiritual "colônias" em que essas "crianças" ficam aos cuidados de Espíritos benévolos e dedicados.

VI. COMEMORAÇÕES FÚNEBRES

Variados são os costumes, ideias e atitudes que a sociedade e a religião adotam, ante os corpos mortos e os Espíritos que os deixaram.

O espírita respeita tais procedimentos, mas nem a todos aceita; e, nos que aceita, age sempre em função da realidade espiritual e não das aparências. Assim, o espírita:

a - Nos velórios:

Não se desespera; mantém-se em atitude respeitosa, pois sabe que o Espírito desencarnante está em delicada fase de desprendimento do corpo e de trans-formação de sua existência. Não usa velas, coroas, flores, pois o Espírito não precisa dessas exterioridades; mas procura oferecer o que o desencarnante realmente precisa: o respeito à sua memória, orações, pensamentos carinhosos em favor de sua paz e amparo no mundo espiritual. É fraterno com os familiares e amigos do desencarnante, ajudando-os no que puder.

b - Nos sepultamentos:

Não adota luxo, nem ostentação, nem se preocupa em erigir túmulos; mas lembra sempre com afeto os entes queridos já desencarnados e procura honrá-los com atos bons e carinhosos em sua homenagem.

Ora sempre pelo bem-estar e progresso espiritual dos desencarnados, mas sabe que não é indispensável ir aos cemitérios para isso, porque o Espírito normalmente não ficará preso ao túmulo e as nossas vibrações o alcançam, onde quer que ele esteja.

VII. CREMAÇÃO DE CADÁVERES

O corpo é uma veste e um instrumento muito valioso e útil para o Espírito, enquanto encarnado. Depois de morto, nenhuma utilidade mais tem para o Espírito que o animou.

Poderá vir a ser cremado ou lhe serem retirados órgãos para transplantar em quem os necessite, sem que nada disso traga nenhum prejuízo real para o Espírito desencarnado.

Pensam alguns que se o seu corpo for queimado ou lesado, haverá prejuízo para a sua ressurreição no mundo espiritual. Entretanto, não é o corpo material que continua a viver além-túmulo nem é ele que irá ressurgir, reaparecer, mas sim o espírito com o seu corpo fluídico (perispírito), que nada tem a ver com o corpo que ficou na Terra.

No caso de cremação, é recomendável um intervalo razoável após a morte (Emmanuel diz 72 horas), a fim de se ter maior segurança de que o desligamento perispiritual já se completou.

No caso de doação de órgãos, basta que as pessoas se acostumem com a ideia de a fazerem de boa vontade e estejam já esclarecidas a respeito.

Encarnados doam órgãos por amor para ajudar alguém, e não receiam nenhum sofrimento ou inconveniente que isso lhes traga. Por que não doar órgãos depois de estar morto o nosso corpo, quando eles já não nos servem mais nem sofreremos quando forem retirados do corpo que houvermos abandonado?